
Um ano de Chapecoense: A cobertura jornalística do acidente aéreo do voo 2933 segundo as teorias contemporâneas do Jornalismo¹

João Guilherme CASTRO²

Millena VILLANUEVA³

Felipe Moura de OLIVEIRA⁴

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

Resumo

Este trabalho tem por objetivo desenvolver uma análise da cobertura da mídia sobre o caso do Voo 2933 que vitimou os jogadores e comissão técnica da Associação Chapecoense de Futebol em novembro de 2016. Para isto utilizamos como base as teorias contemporâneas do jornalismo. Utilizamos também para este trabalho conceitos de jornalismo especializado e esportivo, para um melhor entendimento do caso.

Palavras-chave: Jornalismo; Teorias Contemporâneas; Chapecoense; Jornalismo Esportivo.

Introdução

Em 29 de novembro de 2016 uma fatalidade aconteceu. O acidente que foi na Colômbia comoveu o Brasil e também o resto do mundo. O voo 2933 da companhia aérea colombiana ‘LaMia’ caiu próximo a *Cerro El Gordo*. O destino era a capital Medellín. 77 pessoas estavam a bordo. O voo era fretado para a Associação Chapecoense de Futebol – Chape – que estava a caminho do primeiro jogo da final da Copa Sul-Americana contra a equipe do Atlético Nacional (COL). 71 pessoas morreram, e houve apenas seis sobreviventes. Jogadores, comissão técnica, tripulação da companhia aérea e profissionais da imprensa brasileira estavam em direção à capital colombiana. Entre os sobreviventes brasileiros estão os jogadores Alan Ruschel, Jakson Follmann e Neto, e também o jornalista esportivo Rafael Henzel.

Hoje, um ano após o acontecimento, ainda vemos marcas no dia a dia. A cada jogo da Chape é uma emoção diferente, pois todo mundo consegue observar como o time que ficou quase sem ninguém conseguiu se reerguer como gigante diante todos os

¹Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

²Estudante de Graduação 3º. ano do Curso de Jornalismo da UEPG, e-mail: jgcastro388@gmail.com

³Estudante de Graduação 3º. ano do Curso de Jornalismo da UEPG, e-mail: millenavillanueva@hotmail.com

⁴Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UEPG, e-mail: felipecomunica@gmail.com

empecilhos que ali estavam postos. A Chape foi declarada por todas as instâncias do futebol e por todos os apreciadores do esporte como campeã da Copa Sul-Americana de 2016. Após todo esse tempo observamos na imprensa o rastro que ficou. A Chape virou pauta certa de todo mês, assim como dia das mães é pauta certa todo ano. Parece que a cada dia 29 de cada mês em algum veículo surgirá a matéria: “X meses após a tragédia: Veja como está o time”. O título pode variar mas a ideia é sempre a mesma.

A partir disso, coletamos uma matéria por mês entre novembro de 2016 e dezembro de 2017 para observar como o jornalismo pode interferir neste fato e o que podemos aprender com essa cobertura, algo de singular – como caracteriza Adelmo Genro Filho – em cada notícia.

Jornalismo Especializado

Para podermos realizar esta análise dos conteúdos apresentados precisamos antes abordar a questão do Jornalismo Especializado e conseqüentemente do Jornalismo Esportivo – pelo fato do acontecimento se tratar de algo relacionado com o esporte.

O Jornalismo Especializado é uma área muito ampla dentro da grande esfera do jornalismo. Vários segmentos estão presentes como jornalismo esportivo, político, econômico, ambiental e científico por exemplo. A especialização do jornalista é importante para sua formação – acadêmica ou profissional – pois abrange seu conhecimento e entendimento sobre determinado assunto. Todo jornalista tem que saber de tudo, mas geralmente sabe-se mais de uma área específica do que outras.

A especialização jornalística pretende ordenar os conteúdos informativos com o fim de corrigir os problemas que coloca a chamada *Atomização Informativa*, produto de uma excessiva divisão de áreas do saber e da falta de sistematização das mensagens. (GUTIÉRREZ; JIMÉNEZ, 2001, p.33)

No Jornalismo Especializado os métodos de produção são diferentes do jornalismo geral. Desde o recorte da pauta até a apuração e relação com as fontes. O jornalista especializado precisa manter seu relacionamento com as fontes de maneira saudável, pois precisará sempre dela. Como relata Gutiérrez e Jiménez (2001, p.33) “O jornalista especializado possui características diferentes dos jornalistas gerais [...] No caso, a relação que estabelece com suas fontes de informação é de maior intensidade”.

Jornalismo Esportivo

Dentro do Jornalismo Especializado temos a grande área do Jornalismo Esportivo. No Brasil o esporte de maior popularidade é o futebol, por isso, a imprensa esportiva brasileira se volta especialmente para a cobertura deste esporte. Nos canais de TV fechada que são de origem estrangeiras vemos a presença da cobertura de outros esportes na mesma proporção de que o futebol, como é o caso do canal *ESPN*. Já em contrapartida, os canais brasileiros especializados em esporte abrangem mais a cobertura do futebol como é o caso do *Sportv*. Canal ligado ao grupo Globo, tem em sua maioria programação sobre futebol e também as coberturas dos determinados campeonatos. Existem também as coberturas em vôlei, basquete, futsal, artes marciais entre outros.

Alguns teóricos afirmam ainda que jornalismo esportivo não é jornalismo, mas sim entretenimento. Só que pensando na transmissão de uma partida de futebol, realmente o jornalismo é quase que nulo, mas pensando em pautas e produções esportivas com todas as outras etapas do jornalismo (apuração, edição, revisão, etc.) aí sim é jornalismo. A transmissão de um jogo pode ser entendida dentro das teorias da comunicação como a espetacularização da notícia entre outras. Porém como podemos observar em uma definição do Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte (2007:719):

É uma atividade especializada de Jornalismo na qual são transmitidas informações, opiniões (interpretações e críticas) e análises do esporte em qualquer aspecto de sua abrangência sociocultural. O jornalismo esportivo é exercido por jornalistas com conhecimento em esportes em geral ou em aspectos esportivos. (...) A cobertura jornalística esportiva, na sua maioria, é setORIZADA, podendo incidir sobre clubes, modalidades, entidades dirigentes ou outros aspectos esportivos importantes.

O próprio Tubino se contradiz a partir desta afirmação, relacionando a espetacularização com o esporte:

O jornalismo esportivo, cada vez mais, tem buscado o sentido do espetáculo, o que leva a uma identificação integrada com o show, o profissionalismo e o negócio. A criação, a difusão e o reconhecimento de ídolos e mitos no Esporte têm sido algumas das iniciativas do Jornalismo Esportivo na construção do espetáculo.

No entanto, a produção do Jornalismo Esportivo vai além da transmissão de uma partida. Expande-se até para o Investigativo e outras áreas quando acontece algo dentro de sua esfera, como é o caso do acidente do avião da Chapecoense.

Uma tragédia no futebol mundial e especialmente brasileiro. O avião que transportava a delegação da Chapecoense para a primeira partida da final da Copa Sul-Americana contra o Atlético Nacional fez um pouso forçado na madrugada desta terça-feira na região de Antioquia, em gravíssimo acidente na Colômbia. Segundo informações do chefe da polícia colombiana, José Acevedo, 71 pessoas morreram e seis sobreviveram. O zagueiro Neto, o lateral Alan Ruschel e o goleiro Follmann estão entre os sobreviventes, sendo que Follmann teve uma perna amputada. Os outros três que escaparam vivos da tragédia são o jornalista Rafael Henzel e dois integrantes da tripulação: Ximena Suárez e Erwin Tumiri. O goleiro Danilo chegou a ser resgatado com vida, mas de acordo com informações do SporTV, não resistiu. Inicialmente, as autoridades informaram que eram 75 mortos, mas quatro pessoas não chegaram a embarcar.

Observamos aqui quatro das seis perguntas do *lead* já presentes. (Quem? O avião que transportava a delegação da Chapecoense; Que? Fez um pouso forçado; Quando? Na madrugada de terça-feira; Onde? Na região de Antioquia;). Segundo Adelmo Genro Filho (1987, p.216) a notícia está escrita e organizada da maneira da pirâmide invertida do jornalismo algo que ele contesta e propõe a sua contradição no âmbito epistemológico. “Não obstante a pirâmide invertida deve ser revertida, quer dizer, recolocada com os pés na terra. Nesse sentido, a notícia caminha não do mais importante para o menos importante, mas do singular para o particular, do cume para a base”. Ou seja, partir daquilo que o acontecimento oferece de único e seguindo para o seu detalhamento. (Singularidade – Particularidade – Universalidade).

A partir de então podemos observar a presença na mídia brasileira da Teoria do Agendamento Maxwell McCombs e Donald Shaw.

Os meios de comunicação, embora não sejam capazes de impor o que pensar em relação a um determinado tema, como desejava a teoria hipodérmica, são capazes de, a médio e longo prazo, influenciar sobre o que pensar e falar, o que motiva o batismo desta hipótese de trabalho. Ou seja, dependendo dos assuntos que venham a ser abordados – agendados – pela mídia, o público termina, a médio e longo prazos, por incluí-los igualmente em suas preocupações. Assim, a agenda da mídia termina por se constituir também na agenda individual e mesmo na agenda social. (HOHLFELDT, 1997, p.44).

Partindo daqui observamos os efeitos do agendamento da mídia – como já citado na introdução – interfere nesta agenda do público. A cada dia 29, a sociedade lembra e pensa “hoje faz x tempo que aconteceu a tragédia da Chape”, e a mídia como responsável por este agendamento faz a cobertura normalmente.

Seguindo nas matérias analisadas, entramos no mês de dezembro e – como já esperado – a matéria é “30 dias da tragédia: há 1 mês, mundo chorava e se unia pela Chapecoense”, publicada também no *GloboEsporte.com*. Desta vez uma produção um pouco mais extensa, com mais detalhes, abordagens e entrevistas reais, não apenas notas oficiais. A partir desta reportagem o público consegue entender que mesmo depois de um mês do acidente a cidade do Oeste catarinense não sabe como isso pode acontecer.

A terceira publicação que recolhemos é a do mês de janeiro de 2017. Publicada no dia 26, a matéria em questão é uma entrevista com o então diretor de futebol da Chape Rui Costa. O título “‘Muita gente tentou se aproveitar da tragédia’, diz diretor da Chapecoense” é uma afirmação do próprio entrevistado que conta como houve alguns casos de outras equipes que ‘ajudariam’ a chape, mas apenas para conseguir dinheiro em cima. A entrevista, assim como as outras publicações já destacadas, possui um bom acervo fotográfico onde está ligado às falas do entrevistado. A presença do jornalismo multimidiático poderia ser maior do que apenas texto, foto e hiperlinks, poderia conter a entrevista em vídeo ou até mesmo em áudio e talvez algumas outras adaptações para o leitor. Ficaria mais fluente, e até mesmo mais transparente em caso da disponibilização da entrevista completa e sem cortes.

Na sequência entramos na teoria do agendamento novamente. “Como estão a Chapecoense e os sobreviventes 100 dias após a tragédia aérea” publicada no dia nove de março no site do *Uol Esportes*. A matéria – considerando por nós mesmos – do gênero interpretativo, diferente da maioria das outras analisadas. Como afirma Celso Campos “no gênero interpretativo, o objetivo é mostrar ao leitor as várias consequências que um fato pode gerar, estudando suas origens, analisando suas implicações”. (2002, n.p).

Em todos os produtos analisados temos a representação do acidente e de fatos gerados a partir disso por meio de fotografias, ilustrações ou infográficos. Nada mais do que signos que possuem uma representação para todos que observam. Como afirma Soraya Vieira (n.p) “O signo definido por Peirce tem uma natureza triádica, ou seja, ele é visto em si mesmo, através do seu fundamento, refere-se a um objeto fora dele, e produz interpretantes”. Para entender os interpretantes precisamos pensar também na teoria da semiose, ou a semiose da notícia. Peirce propõe um esquema lógico que pode ser configurado como *objeto – mente interpretante – signo*. No jornalismo podemos aplicar este mesmo esquema da seguinte maneira como conceitua Oliveira (2016)

objeto/acontecimento – mente interpretante/jornalismo – signo/notícia. Isso “mobiliza um processo mais amplo que envolve o acontecimento (objeto), narrativa jornalística (construída na atividade interpretante do jornalismo) e sua repercussão/reverberação/agendamento” (OLIVEIRA, 2016, p.43).

Para entendermos a definição de acontecimento precisamos recorrer à definição a partir de Adriano Duarte Rodrigues:

É acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais. Pela sua natureza, o acontecimento situa-se portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização. É por isso em função da maior ou menor previsibilidade que um facto adquire o estatuto de acontecimento pertinente do ponto de vista jornalístico: quanto menos previsível for, mais probabilidades têm de se tornar notícia e de integrar assim o discurso jornalístico. [...] O acontecimento jornalístico é por conseguinte, um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência. (1988, p.27).

Ou seja, o fato é aquilo que aconteceu em determinada ocasião. O acontecimento é o fato quando afeta a alguém. O acontecimento jornalístico é o fato quando afeta a alguém a partir da sua publicação na mídia. Transpondo para o ponto de partida deste trabalho podemos entender como fato a queda do avião; acontecimento é quando a queda afeta direta ou indiretamente a alguém (apreciadores do futebol, esportistas, familiares, etc.) e acontecimento jornalístico quando – como aconteceu na Colômbia – chega a conhecimento do público a partir da publicação em qualquer plataforma midiática que seja.

Ainda falando sobre a semiose, observa-se que a partir da fatalidade da Chapecoense, a republicação e muitas vezes a criação de novos conteúdos foi quase que instantânea nas redes sociais digitais. O jornalismo por sua vez, teve que agir como mediador da esfera pública para as outras esferas da sociedade. Oliveira (2016, p.150) explica como o jornalismo deve obter a mediação qualificada do fato para o público a partir das jornadas de junho em 2013, onde tivemos o ‘boom’ das mídias independentes e novos conteúdos gerados a todo momento. “O primeiro movimento é o de reiterar o insistente alerta ao jornalismo sobre o risco que corre de perder a legitimidade que alcançou na história como instituição mediadora da esfera pública”.

Dando sequência à análise dos produtos sobre a Chapecoense, entramos agora em uma matéria que o centro das atenções não é a tragédia, mas sim um processo jurídico que a Chape recebe. “Família de Caio Jr. vai cobrar Chapecoense na Justiça” é o título do material publicado em quatro de abril de 2017 pela Folha de S. Paulo. A matéria explica que a família do ex-treinador entrará (entrou, considerando a data de construção deste trabalho) contra o time catarinense na justiça alegando negligência por parte do clube na contratação da companhia aérea. A família de outros jogadores seguiram o exemplo e também fez o mesmo. Esta foi uma das únicas que não apelam para o jornalismo mais emocional na intenção de comover o público pelo lado da chape – por mais que dentro da matéria haja hiperlinks e outras relações com o acidente. O gênero informativo aqui impera. Porém como afirma Hector Mujica (*apud.* GENRO FILHO, 1987, p.209) toda informação “tem um conteúdo, uma carga de opinião que deriva das atitudes e opiniões das pessoas que a proporcionam e das atitudes e opiniões de quem a escreve”. Isso leva é levado em consideração na reação do público a partir desta notícia que pode entender – ou não – que as famílias envolvidas no caso estão ‘se aproveitando’ do time recém-acidentado.

O jornalismo aqui busca algo de maior singularidade possível, já que durante todo o processo de cobertura isso quase que não é encontrado. São sempre os mesmos conteúdos e mesmo tipo de formatação de notícia que nos é empurrado para o consumo rápido. A singularidade desta notícia talvez esteja presente no simples fato de que a família específica do ex-treinador da Chape entre com o processo judicial, mas some quando outras famílias fazem o mesmo. Como conclui Adelmo Genro Filho (1987, p.216):

“A tese da ‘pirâmide invertida’ quer ilustrar que a notícia caminha do ‘mais importante’ para o ‘menos importante’. Há algo de verdadeiro nisso. Do ponto de vista meramente descritivo, o *lead*, enquanto apreensão sintética da singularidade ou núcleo singular da informação, encarna realmente o momento jornalístico mais importante.”

Publicada em 26 de maio de 2017 com o título ‘Avião com time da Chapecoense voou para Colômbia sem seguro’ no site da revista exame, a matéria não mostra nada de inovador do jornalismo convencional. Diz que a empresa responsável pelos seguros não quis atender a equipe e que apenas emitiu uma nota após a procura do canal internacional CNN. Aqui faltou mais vontade de inovar e trazer algo de diferente para o público.

No mês de junho, não conseguimos observar nenhum conteúdo publicado de acordo com o que vínhamos coletando. A única notícia encontrada foi a de que o jornalista Rafael Henzel publicaria um livro sobre o acidente.

Já julho em contrapartida teve a publicação da reportagem ‘Polícia Federal investiga elo entre Chapecoense, Conmebol e LaMia’ publicada no site da Folha de S. Paulo (até então a entidade que tentou fugir da simples publicação do acidente). A reportagem mostra a possível ligação da Confederação Sul-Americana de futebol com os times – não só brasileiros – para a contratação da companhia aérea para viagens em torneios continentais.

Em agosto a matéria escolhida foi ‘Viúvas de acidente da Chapecoense reclamam de “abandono”’. Publicada no site da Revista Exame, a notícia mostra como está a relação das famílias das vítimas do acidente em relação às atenções do clube e da mídia. Observamos aqui como também os conteúdos publicados no site da Revista Exame são, na verdade, conteúdos reaproveitados de outros locais, como a *Reuters* neste caso.

Seguindo para o mês de setembro, temos uma publicação parecida com a anterior. ‘Famílias de vítimas da Chapecoense se unem na luta por direitos’. Também publicada no site da Revista Exame a notícia conta sobre as duas associações de parentes e amigos das vítimas criadas para conseguir o que ainda lhes restavam, as indenizações e os processos. Na notícia as duas associações unem-se para mais este novo capítulo da tragédia da Chape.

Em outubro a matéria analisada foi ‘MPF isenta Chapecoense em investigação de acidente aéreo’. Mais uma publicação da Revista Exame, conta o que se deu a partir daquela investigação já citada. Mais uma vez, o jornalismo não inova na sua publicação de materiais. A foto utilizada na matéria é uma de arquivo que remete a alguma pessoa orando pela Chapecoense. Com somente um hiperlink que leva para um mural de notícias apenas sobre a Chape, o conteúdo não traz mais imagens, nem infográficos, nem ao menos uma entrevista mais detalhada, apenas a fala de três linhas do comunicado do Ministério Público Federal.

Agora, completando um ano da tragédia, a edição do dia 22 de novembro de 2017 do ‘Profissão Repórter’ é um especial de como estão os sobreviventes, suas famílias e o que tem feito até então. Logo no início do programa, a cobertura – acho que nunca acontecido antes – do casamento do goleiro Jakson Follmann. A repórter busca

conversar com familiares e os jogadores da chape que sobreviveram pra ver como foi a recuperação neste ano. Na sequência outro repórter chega à Arena Condá, estádio onde a Chapecoense manda os seus jogos nas competições. A busca é de informações sobre como estão os ramos administrativo e judicial do clube meio a tantos processos e reformulações. O programa também faz um trabalho de investigação – coisa que até então não tinha sido executada com bom aproveitamento. Um repórter da TV Globo na Colômbia vai atrás de informações, entrevistas e conversas com pessoas responsáveis pela LaMia, pela polícia colombiana e demais órgãos responsáveis. O programa com suas reportagens quase que em sua totalidade podemos caracterizar como diz a saudosa frase de Adelmo Genro Filho. “O jornalismo é uma prática cristalizada no singular”. A cada troca de quadro e de reportagens podemos aprender algo com a produção. Aí entra a questão do jornalismo como forma de conhecimento que tanto batemos na tecla. Segundo Jensen (1986, p.52 *apud* GOMES 2006, p.12) “a notícia somente pode dar conta de eventos isolados e sua combinação incidental tende a resultar numa particular construção da realidade”

No mês de dezembro de 2017 temos – na nossa opinião – a melhor produção jornalística sobre a tragédia da Chape. O documentário jornalístico ‘A Lenda Condá’ produzido pelo canal fechado *Sportv* traz uma série de entrevistas com os sobreviventes, familiares, jornalistas, médicos, psicólogos, e até especialistas em programas de voos. Precisamos aqui, antes de mais nada, definir e conceituar porque esta prática do produto documentário é considerado jornalismo e não cinema. Segundo Cíntia Xavier da Silva (2011, p.77):

O primeiro ponto de semelhança entre as práticas do jornalismo e do documentário é a de que os dois representam e oferecem visões do mundo e de seus acontecimentos. A proximidade entre os dois processos de representação ocorre pela própria gênese do documentário e dos cinejornais, ou atualidades.

Também precisamos entender a reportagem na televisão.

A reportagem é uma narrativa que enuncia asserções sobre o mundo, mas que, diferentemente do documentário, é veiculada dentro de um programa televisivo que chamamos *telejornal*. Do mesmo modo que a tradição do filme documentário flexiona uma narrativa com imagens/sons, estabelecendo asserções sobre o mundo, a forma do telejornal flexiona a narrativa assertiva sobre o mundo no formato *programa telejornal*. (RAMOS, 2008, p.58 *apud* SILVA, 2011, p.78)

A cada nova entrevista um sentimento atinge o público. A saudade daquele bom futebol do time do oeste catarinense é ainda muito forte. Aqui podemos então abordar a

ética jornalística no processo de produção destes materiais, envolvendo a emoção no jornalismo. Segundo Lang (1995, n.p *apud* GADRET, 2016, p.45):

[...] O papel das imagens do telejornalismo para a compreensão das notícias, principalmente no que diz respeito às emoções que acionam no telespectador. Imagens altamente emocionais podem prejudicar o processamento das informações veiculadas; no entanto, quando elas “casam” com o discurso verbal promovendo o mesmo sentido ou sentidos correlatos, a memória do telespectador sobre a informação tende a ser aprimorada.

Lang ainda considera que o processo de edição do telejornal pode interferir nas emoções do telespectador.

Algo similar ocorreria com o ritmo da edição: conteúdos altamente emocionais com cortes acelerados prejudicariam a memória, visto que podem exceder a capacidade de processamento de informação dos sujeitos. Já conteúdos emocionais com ritmo de edição mais lento seriam mais facilmente processados e memorizados (LANG et al., 1999).

Esta produção do *Sportv* é de imensa qualidade jornalística, cinematográfica e emocional. Não caberia apenas aqui descrever o que de mais importante ela traz, mas podemos destacar que, com certeza, houve a mediação qualificada, a singularidade no jornalismo, e muito do envolvimento emocional e jornalismo.

Na mediação qualificada que buscamos nas pesquisas, debates, aulas e conversas sobre jornalismo, há a forma de produção do jornalismo. Como ele deve seguir. A cobertura realizada pelo documentário do *Sportv* traz à sociedade a forma de como o jornalismo deveria realizar seu papel no cotidiano em todas as suas instâncias e não apenas na cobertura de grandes acontecimentos como este. O desafio a partir de agora é praticar o jornalismo desta forma na cobertura diária.

Considerações Finais

Podemos considerar que mesmo o jornalismo pecando em muitos meses na hora da publicação de materiais que dizem respeito à tragédia da Chape, ainda existem produções que são mais relacionadas com as teorias contemporâneas do jornalismo. A saída da teoria do agendamento para uma produção onde explora muito bem a singularidade pode ser observada ao longo destes 13 meses analisados. Claro, que a coleta destes materiais ainda é bem superficial, mas já serviu para observarmos como o jornalismo agiu neste tempo de luto na imprensa esportiva e no esporte nacional.

Falta muito ainda para o jornalismo alcançar a excelência na sua produção de grandes coberturas como esta, ainda mais em tempos de velocidade de consumo de notícias cada vez maior devido à grande produção de conteúdos pela redes sociais digitais.

Referências bibliográficas

CAMPOS, Celso. **O texto interpretativo**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da030420028.htm>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

FILHO, Adelmo Genro. **O Segredo da pirâmide**: (Para uma teoria Marxista do Jornalismo). 1987. 276 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- UFSC, Florianópolis, 1987.

GARDRET, Débora Lapa. **A EMOÇÃO NA REPORTAGEM DE TELEVISÃO**: As qualidades estéticas e a organização do enquadramento. 2016. 189 p. Tese (Doutorado em Comunicação)- UFRGS, Porto Alegre, 2016.

GOMES, Itania Maria Mota . Telejornalismo de qualidade Pressupostos teórico metodológicos para análise. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Bauru, p. 1-22, jun. 2006.

GUTIÉRREZ, Inmaculada Chacón; JIMÉNEZ, Antonio García. DOCUMENTACIÓN PARA EL PERIODISMO ESPECIALIZADO. **Revista General de Información y Documentación** , [S.l.], v. 11, n. 2, p. 33-60, jan. 2001.

HOHLFELDT, Antonio. Os estudos sobre a hipótese de agendamento. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 7, p. 42-51, nov. 1997.

JENSEN, Klaus-Bruhn. Making sense of the news. Towards a theory and an empirical model of reception for the study of mass communication, Aarhus/Denmark, Aarhus University Press, 1986;

LANG, Annie et al. The effects of production pacing and arousing content on the information processing of television messages. *Journal of Broadcasting & Eletronic Media*, Taylor & Francis, n. 43, v. 4, 1999.

OLIVEIRA, Felipe Moura . **A semiose da notícia em ambiente de crise**. 2016. 206 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)- UNISINOS, São Leopoldo, 2016.

RAMOS, Fernão. **Mas afinal...** o que é mesmo documentário? São Paulo: Senac, 2008.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: **jornalismo questões teorias e estórias**. 2. ed. [S.l.]: Vega, [19--?]. cap. 1, p. 27-33.

SILVA, Cintia Xavier. **O documentário como produção jornalística**: Nos limites da pesquisa experimental em trabalhos de conclusão de curso. 2011. 381 p. Tese (Doutorado em Comunicação)- Unisinos, São Leopoldo, 2011.

TUBINO, M. J. G.; TUBINO, F. M. e GARRIDO, F. A. C. G. Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte. Primeira Edição. RJ: Editora Senac, 2007.

VIEIRA, Soraya Maria Ferreira. **A difusão dos signos**. [20--?]. 15 p. Artigo Científico (Doutora em Comunicação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, [20--?].